

“Missão”: uma questão ontológica

Ronaldo de Oliveira Corim¹

Resumo: A “Missão” é um dos conceitos que mais se evidencia nas reflexões do atual pontificado de Francisco, mas como ele se encaixa dentro do caminho epistemológico da teologia? Busca-se, neste trabalho, apresentar a “Missão” a partir da perspectiva bíblica, trinitária e magisterial, com o intuito de averiguar sua inerência no “SER” da Igreja. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, deste modo pôde-se mergulhar na Sagrada Escritura, bebendo nas fontes vetero e neotestamentárias, e no magistério dos séculos XX e XXI para se chegar aos resultados apresentados. Tais investigações dão conta que há argumentos suficientes para dizer que a Missão se apresenta como um ponto nevrálgico de sustentação da Igreja e que, sem este conceito, ela não viria a ser verdadeira Igreja de Cristo. A questão que serviu de tese para o trabalho foi: “é possível ser membro da Igreja sem ser missionário?”. Bem! Se não há Igreja sem Missão, não se poderia haver Cristão que não fosse, pelo menos potencialmente, missionário.

Palavras-chave: Missão. Evangelii Gaudium. Natureza da Igreja.

INTRODUÇÃO

“A missão, ou a palavra missão, por vários motivos, encontra-se um tanto desgastada. [...] A atividade missionária, historicamente ligada a conquistas coloniais do Ocidente cristão [...] obscurec[eram] a missão” (PANAZZOLO, 2019, p. 71). Por este motivo, mais do que nunca, é preciso jogar luzes sobre este conceito tão precioso à Igreja, desvelando-o e tornando-o compreensível para o mundo contemporâneo, o qual vê suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, tão latentes, as quais a própria Igreja assume para si, uma vez que sua comunidade é formada pelo gênero humano que está no mundo (Cf. GS 1).

Como encontrar um conceito de Missão que não reduza a obra de Cristo na Igreja à uma atividade social? Como purificar tal conceito viciado por uma mentalidade colonialista, etnocêntrica, triunfalista? Onde encontrar uma fonte segura para que a Missão não se perca em mais desencontros casuais da vida eclesial, da práxis pastoral e da especulação teológica?

Todos estes questionamentos desembocarão em dois *lócus* distintos: a Trindade, fonte da Missão, e que a confia à Igreja a demanda de continuar sua obra redentora no século, e a Revelação, onde o paradigma missionário trinitário é traduzido em linguagem humana, seja na Escritura Sagrada, seja na Tradição, seja na interpretação autêntica da vontade de Deus para o mundo, do Sagrado Magistério.

1 Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Email: ronaldo.oliveira4@gmail.com

Então, o que é a Missão? Qual sua posição no corpo eclesial? É sem dúvida uma posição de destaque. Mais do que isso, é uma posição fundamental. Não se poderia falar de Igreja sem se falar de Missão pois esta é um atributo trinitário e aquela é fruto da obra redentora da Trindade. Deste modo, tirar a missão do seio, do mais íntimo mistério ontológico da Igreja é o mesmo de descaracterizá-la, deformá-la retalhá-la de tal forma que ela deixaria, definitivamente, de ser aquilo que ela é: “sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, [que] pretende [manifestar] aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal” (LG 1).

1 A MISSÃO: CONCEITO, ORIGEM E FUNDAMENTO

1.1 CONCEITUALIZAÇÃO E ETIMOLOGIA

Sem se ter a pretensão de se fazer uma análise filológica aprofundada, quanto ao termo, a palavra Missão, na sua etimologia significa “enviar”. “É o envio de uma pessoa ou de mais pessoas para um determinado lugar ou situação com uma determinada finalidade ou tarefa, para uma pessoa ou mais” (PANAZZOLO, 2019, p. 16). Mas esta definição etimológica não exprime claramente a natureza e a extensão do conceito.

A palavra “missão” teve diversos usos no decorrer da história, sejam eles religiosos, sejam eles profanos. Xavier e Lima (2014, p.6 *apud* CARRIKER, 2013) lembra que “até o século XVI, [esta] palavra ‘era reservada para se referir à relação da trindade: a missão do Filho como o enviado do Pai e a missão do Espírito Santo como o enviado do Filho e do Pai’”. Corroborando com esta informação Friez (1970, p. 303) que afirma que

No ensinamento trinitário, designam como *missiones* as divinas missões no sentido das processões eternas, internas, imanes, necessárias das Pessoas Divinas, e que são ligadas à atividade temporal da Pessoa enviada e representam a passagem das *processiones aeternae* às *processiones temporales*; por exemplo, a encarnação do Verbo e o envio do Espírito Santo.

Foram os Jesuítas, já no século XVII, que empregaram o termo Missão, antes reservado à teologia trinitária, para se referir ao empenho da Igreja no processo de emanção da fé cristã por meio da pregação do Evangelho, em vista da conversão dos povos descobertos por meio da expansão colonial, propõe Bosch (2002). Deste modo, é a partir da experiência da Companhia de Jesus, no chamado Novo Mundo, que se deslocará o conceito Missão da especulação Trinitária para a prática evangelizadora.

Bento XV, na Carta Apostólica *Maximum Illud*, do início do século XX, considera como um marco da reflexão missiológica para a Igreja moderna, não se propõe definir conceitualmente o termo Missão, entretanto, por todo documento, o relaciona com o termo Apostolado. “A Igreja de Deus, consciente do mandato divino, não cessou, jamais, através do

decurso dos séculos, de enviar para todos os lugares pregoeiros e ministros da divina palavra que anunciassem a eterna salvação trazida para o gênero humano” (MI, 2). Percebe-se aqui que, nesta concepção, Missão é a ação dos enviados pela Igreja em vista da pregação do anúncio da salvação oferecida por Cristo.

1.2 MISSÃO: FUNDAMENTO OU PRÁTICA PASTORAL?

Com frequência, ainda hoje, se confunde Missão com a atitude ou com o movimento de se realizar atividades dentro de determinado contexto eclesial. Fala-se, inclusive em uma Pastoral Missionária que seria responsável pelo anúncio da Boa Nova do Evangelho aos não crentes. Seria, portanto, a *Missio Ecclesiae* – que é “prolongamento sacramental (Igreja “sacramento universal”) da *Missio Filii*” (STELLIN, 2010, p.3) e que ao lado de *Missio Dei* formam o binômio fundamental do estudo missiológico: a ação salvadora de Deus se estende pelo século na ação salvante da Igreja de Cristo – apenas a atividade evangelizadora do Corpo de Cristo? Esta postulação, diz Raschietti (2008), além de imprecisa, demonstra, intrinsecamente, uma tensão conceitual, pois enquanto o primeiro termo (pastoral) acena para uma atitude de conservação e preservação, apontando para uma postura que visa o “cuidado com os fiéis” (RMi 34), o segundo (missionária) expressa uma conduta *ad extra*, ou seja, para fora de si, pois a mesma Igreja que enxerga a necessidade de cuidar do rebanho a ela confiada pelo Bom Pastor (por meio da atividade pastoral) se vê na obrigação de cumprir sua ordem de socorrer àquelas ovelhas que estão fora do seu rebanho. Sendo “enviada por Cristo a manifestar e a comunicar a todos os homens e povos a caridade de Deus, a Igreja reconhece que tem de levar a cabo uma ingente obra missionária” (AG 10).

Poder-se-ia ainda compreender a missão, e muitos o fazem, como “o esforço dos crentes para levar os não cristãos à fé no Deus revelador [ou] converter ao catolicismo os não católicos” (FRIEZ, 1970, p. 297 e 302). Entretanto, tal concepção empobreceria eminentemente um conceito tão rico e abrangente. A Missão não pode ser simples *modus operandi* da vida pastoral comunitária, uma vez que brota do próprio mistério trinitário e recebe dele seu conteúdo, sujeito e objeto; muito menos ser uma propaganda demagógica de uma entidade religiosa, ou ação de um ente isolado em vista de um discurso eloquente e convincente, mas tender-se-á a crer que ela é um movimento intrínseco à dinâmica Trinitária. Tem-se aí o conceito de *Missio Dei*.

O paradigma da *missio Dei* tem origem em Karl Barth, na Conferência Missionária de Brandemburgo em 1932. A influência do seu pensamento atingiu o auge na Conferência do Conselho Missionário Internacional ocorrida em Willingen (1952). [...] “foi lá que a ideia (não o termo) da *missio Dei* emergiu, pela primeira vez, de maneira clara. Compreendeu-se a missão como derivada da própria natureza de Deus. Ela foi colocada, pois no contexto da doutrina da Trindade, não da eclesiologia nem da soteriologia. A doutrina clássica da *missio Dei* como Deus, o Pai, enviando o Filho, e Deus o Pai e o Filho,

enviando o Espírito foi expandida no sentido de incluir ainda outro 'movimento': Pai, Filho e Espírito Santo enviando a igreja para dentro do mundo (XAVIER e LIMA, 2014, p. 8, *apud* KIVITZ, 2011).

Tendo por pressuposto que a Missão é Mistério Divino revelado à Igreja, dever-se-ia deixar de lado a pretensão de defini-la pelo que ela não é, ou seja, pelo caminho da postulação negativa. A pergunta mais adequada a ser feita, portanto, seria: "o que é a Missão?". Quanto a isso pode-se encontrar a seguinte definição: a *Missio Dei* é a

auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar. *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus – para as/pelas pessoas. (BOSCH, 2002, p. 28).

Para Panazzolo, "a missão de Deus (*Missio Dei*), é a revelação pela criação de Deus, o Pai, pela Palavra, na força e envio do Espírito Santo" (PANAZZOLO, 2019, p. 41). Portanto, "a missão não é, senão, um sinal externo, que se prolonga através dos séculos, daquele dinamismo de autodoação e de comunicação intratrinitária que se refletiu na criação através dos tempos" (FISICHELLA e LATOURELLE, 1992, p. 970)

Por ser obra trinitária a Missão

brota do "amor fontal", isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também "tudo em todas as coisas" (1 Cor 15,28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade. Aprouve, porém, a Deus chamar os homens a esta participação na sua vida, não só de modo individual e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num Povo em que os seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem em unidade (AG 2).

Portanto, "embora [a] missão nos exija uma entrega generosas, seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus" (EG 12). Assim sendo,

A partir destes fundamentos trinitários [intui-se que]: a missão se torna para a Igreja não mais uma atividade entre outras, mas participação na vida divina que lhe confere sua identidade. [...] A Igreja "É" ao ser enviada, ela se identifica em ordem à missão. Portanto, não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão

de Deus (MISSÃO E COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA: ORIENTAÇÕES PARA A ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA NA IGREJA DO BRASIL, 2016, p. 21, grifo nosso).

2 A REFLEXÃO MISSIONÁRIA HOJE

2.1 BREVE PANORAMA

“A Igreja está profundamente consciente da própria identidade e missão, e vive essa experiência através do compromisso dos seus filhos” (CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, 2016, p. 11) e esta consciência não é de hoje. Como visto anteriormente, desde sua gênese, espalhando-se pela Judeia, Samaria e até os confins da terra (Cf. At 1, 8), ela já se compreende como portadora de uma mensagem a ser anunciada para o bem de muitos e, apesar de, na sua essência, a Missão dada por Cristo à Igreja não ter mudado, pois, se assim fosse ela haveria deixado de ser a Igreja de Cristo, a práxis eclesial de viver a Missão foi distinta em dois milênios.

Vale a pena lembrar que, apesar de a Missão não ser algo recente, a missiologia o é. “Foi o Magistério Eclesiástico com as Encíclicas Missionárias dos Papas a partir de Bento XV, e com outros documentos, que a fizeram evoluir e configurar-se mais e mais” (STELLIN, 2010, p.2). Isto posto, Stellin (2010) lembra que, para compreender o alargamento do horizonte missiológico da Igreja no século XX, é preciso que se tenha por propedêutica a assimilação que a própria Igreja fez do conceito de Reino de Deus, do qual todos os homens de boa vontade fazem parte, e para o qual ela se apresenta como germe, semente presente no mundo.

A presença do Reino de Deus não é outra realidade senão a presença universal do mistério da salvação que Deus oferece a todos os homens, que obviamente culmina em Cristo, mas que já está ativo pela obra do Espírito Santo, em toda a humanidade: todos os homens de todos os tempos (STELLIN, 2010, p.5).

Apesar de *Maximum Illud* (Bento XV), *Fidei Donum* e *Mystici corporis* (Pio XII), lançarem as raízes do que viria a ser uma reflexão acerca da natureza da Igreja como Corpo Místico de Cristo, portanto agente missionária, é somente com o Decreto *Ad Gentes* que enxergar-se-á a Missão a partir de argumentos manifestadamente trinitários. “O Concílio recolhe toda a práxis missionária e elabora a síntese teológica fundamental na Trindade, projetando luzes para a atividade missionária” (PANAZZOLO, 2019, p. 71) e não só para ela, mas principalmente para sua natureza, inerente à da própria Igreja, de quem é progenitora.

No contexto do pós-Concílio, em 1975 Paulo VI publica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a ação evangelizadora da Igreja.

A *Evangelii Nuntiandi* apresenta a natureza missionária da Igreja num sentido mais dinâmico: existe uma ligação profunda entre Cris-

to e a Igreja (n 16): de Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora, na força do Espírito Santo (n 75). A evangelização [portanto] constitui a missão essencial da Igreja, sua vocação e identidade (n 14) (PANAZZOLO, 2019, p. 72).

Esta feliz exortação pós-sinodal faz questão de recordar a natureza missionária da Igreja, ressaltando sua dimensão evangelizadora – “Evangelizar significa levar a Boa-Nova em todos os ambientes, para transformá-los a partir de dentro” (PANAZZOLO, 2019, p. 72) – e para isso é preciso que a evangelização aconteça de cultura em cultura, ou seja, os bispos, unidos ao Papa, reconhecem que, só é possível fazer uma real e frutuosa caminhada evangelizadora quando se é respeitada a cultura (Cf. EN 20).

A missão do Filho que se encarna é a inculturação da Missão Trinitária para a salvação do gênero humano. Assim sendo, ao cumprir a ordem de Cristo, “Ide pelo mundo inteiro”, é preciso que se tenha por pressuposto o respeito às culturas que se encontram no caminho da evangelização, especialmente o respeito aos mais pobres e fragilizados das sociedades pois, o próprio “Jesus de Nazaré nasceu e viveu pobre no meio de seu povo de Israel, compadeceu-se das multidões e fez o bem a todos” (PUEBLA, 190).

Foi o episcopado Latino-americano que, lendo a realidade da Igreja no sul do globo, contribuiu enormemente para a reflexão missiológica na atualidade. Encarnando o número 1 da Exortação Pastoral *Gaudium et Spes* – “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” – lembrou à Igreja universal da necessidade urgente de se propor uma missiologia coerente com as necessidades do tempo presente. É enganador pensar que a Igreja na América Latina e no Caribe não se comprometeu com a missão de Cristo Jesus, pelo contrário, afirmou os bispos: “É dever nosso anunciar claramente, sem deixar dúvidas ou equívocos, o mistério da encarnação: tanto a divindade de Jesus Cristo, tal como professa a fé da Igreja, quanto à realidade e à força de sua dimensão humana e histórica” (PUEBLA, 175).

A contribuição das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe no que se diz respeito a compreensão da Missão como dado fundamental do ser da Igreja está, principalmente em reler os Evangelhos pelas lentes das fragilidades das sociedades latino-americanas e de dar esperança a tais realidades, relendo-as à luz do Evangelho. Pois, em uma Igreja onde “a pobreza aparece palpável como marca impressa nas imensas maiorias” (PUEBLA, 1129), só haverá concretização de sua identidade a medida em que ela, como lembra Stelin, se colocar a serviço do reino, servindo ao povo de Deus, especialmente os que mais necessitam da libertação proposta pelo próprio Cristo, essa é sua missão pois, “quanto mais servidor do Reino, tanto mais é Igreja de Cristo” (STELLIN, 2010, p. 6). Reino este que se identifica com os menos afortunados, pois Cristo mesmo com eles se identifica (Cf. Mt 25, 35-45).

Em *Redemptoris Missio*, João Paulo II traz uma proposta muito mais programática do que paradigmática no que diz respeito à Missão. Na esteira dos documentos pré-conciliares o Sumo Pontífice se posiciona de uma forma que mais lê as dificuldades que a Igreja enfrenta na disseminação do Evangelho, tendo como principal desafio a secularização e o relativismo, e expressa doutrinas cristológicas e eclesiológicas, em vista da correção do conteúdo teológicos e catequéticos expostos por muitos em suas pregações, não se preocupando em posicionar a partir de sua natureza, mas corrigindo sua prática.

Os temas centrais tratados pelo Papa em *Redemptoris Missio* foram a reafirmação da Igreja como instrumento de salvação; a consubstancialidade do Verbo ao Pai e sua união com a carne (percebe-se que o Pontífice se esforçou em assegurar a divindade de Jesus); a fragilidade do ser humano ferido pelas instabilidades do tempo, pelas relações materialistas meramente horizontais. Ele brada um grito pertinente para sua época e para hoje, mais do que nunca: “A Igreja não pode deixar de proclamar que Jesus veio revelar a face de Deus, e merecer, pela cruz e ressurreição, a salvação para todos os homens” (RM, 11).

2.2 A MISSÃO EM FRANCISCO: *EVANGELII GAUDIUM*

Mais recentemente, Francisco evoca, nas mais diversas ocasiões, o conceito de Missão em seu pontificado. O documento em que mais brilhantemente ele aparece é na Carta Magna de toda sua ação pastoral, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje. Neste documento “a missão é configurada por um caleidoscópio de belas imagens que lembram a diversidade, o frescor e o horizonte da natureza missionária” (SUESS, 2018, p. 3).

Francisco propõe uma Igreja em saída, não ensimesmada, mas disposta a abrir mão de sua posição para se encontrar com o outro. Ele lembra que “naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG 20).

A grande contribuição de Francisco para que se compreenda o fato de que a Missão é inerente ao próprio ser da Igreja está no texto que afirma que:

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmos-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar (EG 273).

Assim sendo, percebe-se que, pela instrução daquele que carrega consigo o ministério de confirmar seus irmãos na fé, não poder-se-ia considerar cristão aquele no qual não ardesse uma profunda chama missionária que impulsionar-lhe-ia à proclamação do Evangelho,

em conformidade com sua própria vida. Em outras palavras, não se pode pensar em uma Igreja que não seja missionária, uma vez que é, ela própria, “fruto e realização do movimento missionário que tem em Deus Trindade a razão de seu dinamismo” (STELLIN, 2010, p.3, tradução nossa).

CONCLUSÃO

No que diz respeito à Missão não se pode concluir outra coisa que não seja o fato de que: sem ela, a Igreja não seria mesma. Isto é corroborado pela Sagrada Escritura e confirmado pelo magistério ordinário, portanto, não se pode haver dúvidas de que: se não há missão, não há Igreja e, conseqüentemente, se não se for verdadeiramente missionário, indivíduo algum pode se considerar cristão, pois o batismo inere em seu ser a potencialidade para que se cumpra a vontade de Deus, que todo o mundo conheça sua mensagem libertadora de amor.

Não obstante as provas que a Palavra de Deus e as orientações magisteriais oferecem, mesmo a teologia que se debruça com empenho sobre a especulação missiológica, não poucos cristãos não se reconhecem como missionários pois não enxergam em suas próprias vidas os frutos da obra redentora de Cristo. Deste modo, terceirizam a Missão da Igreja àqueles que se dedicam a desempenhar atividades pastorais em situações extremas ou aos cristãos que doam suas vidas à missão *ad gentes*. Não há nada mais equivocado. Parece claro que, toda e qualquer atividade pastoral, ou toda ação *ad extra* do próprio ambiente ordinário do cristão são, apesar de valiosíssimos, elementos de uma missão muito maior, a Missão de Cristo, a sua vitória sobre a morte e a libertação de todos os seres humanos e de toda obra criada.

É do amor trinitário que nasce a Missão da Igreja. A Igreja é Missionária porque Jesus Cristo o é e Jesus, por sua vez, o é, no que diz respeito à Economia da Salvação porque, na vida intratrinitária ele vive a missão de ser Filho, Verbo aspirado pelo Pai. A missão do cristão, portanto, se constitui como participação, colaboração, no mistério amoroso da relação das pessoas divinas que, por ato livre de amor, partilham conosco o que vivem em seu interior.

REFERÊNCIAS

BENTO XV, Papa. *Maximum illud*: Sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maximum-illud.html. Acesso em: 15 de abril de 2024.

BÍBLIA de Jerusalém. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CNBB. *Missão e cooperação missionária*: orientações para a animação missionária na igreja do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CELAM. *Documento de Puebla*. São Paulo: Edições Paulinas.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium*: sobre a Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 1 de abril de 2024.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 1 de abril de 2024.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 1 de abril de 2024.

CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Cooperação missionária – cooperatio missionalis*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René (org.). *Diccionario de Teologia Fundamental*. Madri: Ediciones Paulinas, 1992.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 15 de abril de 2024.

FRIES, Heinrich (org.). *Dicionário de Teologia*: Conceitos fundamentais da teologia atual. São Paulo: Edições Loyola, 1970. v. III.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptoris Missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 1 de abril de 2024.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 15 de abril de 2024.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos*: introdução à missiologia. São Paulo; Paulus, 2019.

RASCHIETTI, Stefano. *A Pastoral Missionária a partir da Comunidade Local*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MISSIOLOGIA, II., 2007, Quito. Abc BSB Editora, Brasília, 2008. p. 5-18.

STELLIN, Victorino Girardi. *Evolución de la teología de la misión*: la misionología hoy. Senderos Vol. 32, no. 95, p. 13-33, 2010.

SUESS, Paulo. *A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Leopoldo: Universidade do vale do rio dos sinos – Unisinos, 2004.

XAVIER, L. F.; LIMA, L. A.. *Missio Dei e Missiones Ecclesiae*: Uma análise bíblico-histórica. Davar Polissêmica, v. 7, p. 18, 2014.